



ENTRE A EUFORIA E O MEDO: O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA CIDADE EM “O HOMEM QUE PROCURAVA A MÁQUINA”, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

BETWEEN EUPHORIA AND FEAR: THE PROCESS OF MODERNIZING THE CITY IN “O HOMEM QUE PROCURAVA A MÁQUINA”, BY IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Kelson Rubens Rodrigues Pereira da Silva | Silvana Maria Pantoja dos Santos*

113

Resumo Os estudos sobre as relações entre literatura e cidade se mostram cada vez mais relevantes na literatura contemporânea, tornando-se um catalisador de eventos das relações humanas. Neste trabalho objetivamos analisar as relações de poder no processo de modernização, a partir do conto “O homem que procurava a máquina” da obra *Cadeiras Proibidas* (2010), de Ignácio Loyola Brandão. Trata-se de uma abordagem em torno das interfaces entre literatura e cidade, destacando o processo de modernização pelo qual passa a cidade moderna, o que resulta em alterações no espaço urbano, com consequências diversas à sociedade. Como suporte teórico, adotamos o pensamento de Bauman (2009) para pensar a relação entre homem e cidade no contexto da modernização e de Renato Cordeiro Gomes (1999) sobre alterações decorrentes do processo de urbanização, dentre outras visões relevantes a essa investigação.

Palavras-chave: Cidade; Modernização; Ignácio de Loyola Brandão.

Abstract: Studies on the relationship between literature and the city are increasingly relevant in contemporary literature, becoming a catalyst for human relations events. In this work we aim to analyze the power relations in the modernization process, starting from the short story “O homem que procurava a Máquina” from the work *Cadeiras Proibidas* (2010), by Ignácio Loyola Brandão. It is an approach around the interfaces between literature and the city, highlighting the modernization process that the modern city goes through, which results in changes in the urban space, with different consequences for society. As for theoretical support, we have adopted the perspective of Bauman (2009) to regarding the relationship between man and the city in the context of modernization and Renato Cordeiro Gomes (1999) about changes resulting from the urbanization process, among other views relevant to this investigation.

Keywords: City; Modernization; Ignácio de Loyola Brandão.

* PPGL-UESPI. E-mail: kelsonrodriguez@hotmail.com | PPGL-UESPI. E-mail: silvanapantoja3@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho objetivamos analisar as relações de poder decorrentes do processo de modernização, a partir da leitura do conto “O homem que procurava a máquina”, da obra *Cadeiras proibidas* (2010), de Ignácio de Loyola Brandão. Nascido em Araraquara, interior de São Paulo, Brandão ganha relevância no cenário literário brasileiro ao publicar, no ano de 1974, o romance *Zero*, obra proibida pela ditadura militar. Antonio Cândido (1970) o define como dono de um “realismo feroz”, o que fica evidente em suas produções, sobretudo em *Cadeiras Proibidas* (2010). O livro é constituído de contos curtos, subdivididos em oito temáticas (Cotidiano, Corpo, Clima, Mundo, Indagação, Descoberta, Ação e Vida), cuja abordagem envolve a realidade do homem, imerso em situações absurdas e insólitas.

O conto “O homem que procurava a Máquina” integra a obra, juntamente com 37 contos. Trata-se de uma narrativa sobre a instalação de um complexo industrial em uma pequena cidade, provocando alterações na vida dos habitantes do lugar. O acontecimento representa o início do processo de modernização em uma localidade de predominantemente agrária.

Para análise da relação entre homem e cidade no contexto da modernização, a partir do conto de Brandão, utilizamos como aporte teórico a visão do sociólogo Zygmunt Bauman (2009), com ênfase na obra *Confiança e medo na cidade*. Também adotamos o pensamento de Renato Cordeiro Gomes (1999), expresso em *A cidade, a literatura e os estudos culturais*, texto que apresenta considerações sobre o espaço citadino e suas alterações decorrentes do processo de urbanização, que resulta em alterações também humanas. Segundo Gomes (1999) tal processo tem como consequência o apagamento da memória e da cultura do lugar. Levamos também em consideração visões de outros pesquisadores ao longo das nossas discussões.

O processo de modernização iniciou-se no final do século XIX, motivado pelo sonho de que o progresso proporcionaria felicidade e bem-estar. Os feitos realizados em Paris, envolvendo embelezamento urbano: ampliação de vias públicas, construção de galerias e

boulevards, dentre outros empreendimentos, influenciaram, sobremaneira, o resto do mundo. No Brasil, o processo de modernização começa no início do século XX e toma impulso entre os anos 1955-1961 na gestão de Juscelino Kubistchek, que mobiliza a industrialização das grandes cidades com projeto ousado da construção da cidade de Brasília. Na década de 50, a região do ABC, situada na zona periférica do estado de São Paulo, consolida-se no maior complexo industrial da América Latina, notabilizando-se pela presença de multinacionais, formação de empresas fornecedoras de pequeno e médio porte, sindicalismo operário forte e com poder de pressão política, desencadeando o crescimento urbano, sobretudo populacional, por conta do intenso processo migratório.

Ignácio de Loyola Brandão, de origem do interior paulista, não poderia ficar alheio a tais acontecimentos, até por que Araraquara, sua cidade natal, também recebera os benefícios da modernização. Assim, não podemos deixar de acreditar que o escritor, na sua produção, fora influenciado por fatores sociais, inclusive aqueles que envolvem os projetos de modernização urbana. O fator social que, presente na obra literária, articula-se ao conceito de redução estrutural proposto por Antonio Candido: “[...] processo por cujo intermédio, a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo.” (CÂNDIDO, 2010, p. 9).

MÁQUINA, MODERNIZAÇÃO E PODER

O conto “O homem que procurava a máquina” gira em torno da instalação de uma indústria em uma cidade interiorana que irá abrigar uma Máquina (grafada em maiúsculo na narrativa), com esperança de que a mesma impulsione a instalação de mais indústrias nos arredores, trazendo prosperidade à região e promovendo empregabilidade à população, cujo cotidiano adotava costumes rurais. Podemos observar a simbologia de poder e controle que essa Máquina irá exercer sobre cidade, criando um estado de dependência, conforme será visto no decorrer da análise.

O processo de modernização causará alterações na vida das pessoas e rupturas no espaço urbano, que antes possuía áreas naturais preservadas. A cidade passa por alterações, como a substituição de construções antigas por prédios que abrigam o complexo industrial que compõe a Máquina. A população acaba sendo afetada, desenvolvendo uma mentalidade

voltada para o trabalho e produtividade que a Máquina exige. Sobre as mudanças provocadas pela modernização das cidades, Renato Cordeiro Gomes (1999) enfatiza:

As relações entre literatura e experiência urbana tornam-se mais contundentes e radicais na modernidade – como se pode depreender do exposto na parte I deste trabalho – quando a cidade se apresenta como um fenômeno novo dimensionado na metrópole que perde gradativamente o seu métron. A desmedida do espaço afeta as relações com o humano. Os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais historicizam esse fenômeno urbano. Assim, sob o signo da mudança identificado ao progresso e atrelado ao novo, alteram-se não só o perfil e a ecologia urbanos, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes. (GOMES, 1999, p.23)

Situação análoga é percebida na contemporaneidade, em que empresas de grande porte acabam sendo atraídas a regiões menores, motivadas por governantes com o argumento de acelerar a urbanização, como também promover o desenvolvimento, geralmente com incentivos fiscais fornecidos pelo governo. No conto de Brandão (2010) isso fica evidente no seguinte trecho:

Na verdade, o início pouco interessa. Os dados relativos àquela época, essenciais à situação, são os seguintes: instalaram a grande máquina num bairro operário, sem calçamento e esgotos, não atingido pela especulação imobiliária. Era apenas um bairro distante de uma cidade que vivia da agricultura. As hortas formavam um cinturão em torno da cidade. Alface, couve, brócolis, almeirão, repolho, rabanete, cenoura, nabo. Hortas grandes e pequenas. Hortas nos quintais, produção doméstica, para consumo próprio e da vizinhança. Vivia-se bem, exportando-se quase toda a produção. A cidade cheirava a verde, se é que se pode falar em cheiro verde. (LOYOLA, 2010, p.121).

O incentivo que empresas recebem, geralmente, é para cumprir tarefas que seriam de responsabilidade do poder público, como a geração de empregos e a melhoria de infraestruturas. O processo de modernização, mal planejado, acaba suprimindo áreas

voltadas para agricultura de subsistência, pequenas áreas de lazer improvisadas e até mesmo moradias, cujas posses resultam em indenizações por valores inferiores ao de mercado. Histórias de vida, marcas de pertencimento inscritas nos lugares, são rapidamente suprimidas pelas transformações urbanas. No conto, a verticalidade da nova cidade que se inicia pelas estruturas industriais que compõe a Máquina, provoca o fascínio que motiva as pessoas a sonharem com o ingresso e permanência na empresa. As experiências com e na antiga cidade vão sendo suprimidas gradativamente. Como assevera Gomes:

A cidade, assim, vai-se qualificando como a Babel que prospera com a perda das conexões e a falta de referência aos valores do passado. É palco para a atrofia progressiva da experiência, ligada à tradição, à memória válida para toda a comunidade, substituída pela vivência do choque, ligada à esfera do individual, como poetiza Baudelaire (*As flores do mal*), o primeiro poeta que fez da cidade o centro de sua poesia moderna, e como estuda Walter Benjamin. (GOMES,1999, p.26)

Acerca das mudanças que ocorrem no comportamento das pessoas, observamos no conto um diálogo entre um homem com sua esposa - esses personagens, assim como os demais, não possuem identificações. No breve diálogo entre o casal, o homem relata sobre um dia de trabalho, deixando transparecer que o seu ofício é automático, com foco em tempos e movimentos repetitivos, fazendo-nos lembrar da gestão das fábricas baseadas em princípios administrativos, tão bem retratado no filme *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin. Vejamos o excerto do conto:

- Não sou polidor, coisa nenhuma. Tenho de passar uma flanela, cinco vezes ao dia, em horas certas, marcadas por um relógio, nos pés plásticos da unidade de fita magnética.
- O que é a unidade de fita magnética, pai?
- E eu sei?
- Mas como é essa unidade onde o senhor passa o pano?
- Uma caixa, retangular, alta, de cor cinza e azulada.
- E para que seve?
- Lá dentro, meu filho, aprendi a não fazer perguntas.

– O senhor trabalha num lugar e não se interessa em conhecer. (LOYOLA, 2010, p.121).

A Máquina acaba incentivando a criação de indústrias nos arredores para manter o monopólio da empresa principal. Com isso, promove o desenvolvimento não só daquela cidade, como também de cidades circunvizinhas, tornando-se rapidamente um polo de oportunidades para as populações e, assim, promovendo um controle social mais amplo, com mais pessoas dependentes de seu sistema de funcionamento.

Vale ressaltar que o fluxo de pessoas entre cidades, o aumento populacional, acaba gerando problemas que acompanham a modernização, como violência, desestabilização dos valores, exclusão social, dentre outros, que terminam por gerar a cultura do medo por elevados conflitos e tensões, alimentada pela divisão social, conforme defende Renato Cordeiro Gomes (1999). Tais tensões em “O homem que procurava a máquina” são aumentadas no decorrer do processo de modernização das cidades, ao iniciar uma segregação definida pelas relações impostas pela Máquina, tal como o prefeito da cidade que detinha o cargo pela proximidade e influência da Máquina. Aqueles que não se adequavam ao ritmo eram vistos como inferiores e menos inteligentes. Dessa forma, a Máquina não se trata de um simples sistema mecânico, mas sim de uma liderança imponente que estabelece relações hierárquicas, a partir da proximidade com ela. Podemos considerar até mesmo uma liderança humana metaforizada.

A Máquina, embora promova o desenvolvimento, acaba despertando dúvidas no personagem principal, também sem identificação, única voz dissonante do modelo em vigor, que decide investigá-la. Essa não definição dos personagens não fica restrita a uma marca estilística, mas também a um artifício usado para homogeneizá-los. O anonimato seria uma forma de acentuar a condição cidadina moderna em que as pessoas se igualam, se nivelam, sem nomes ou rostos, nos espaços em que transitam ou trabalham.

O fato de o personagem questionador não trabalhar para a Máquina, instituição que concentra o poder, mas sim a uma empresa de embalagens que fornece insumo àquela, talvez justifique as suas motivações para problematizar o modelo de desenvolvimento. Segundo Bauman (2001), a maioria das pessoas agem em conformidade com o conceito de *modernidade pesada*, estando, dessa maneira, o protagonista sintonizado ao conceito de *modernidade leve* proposto pelo sociólogo:

Por mais profunda e deprimente que seja a miséria dos servos, não há ninguém contra quem se rebelar, e se tivessem se rebelado não teriam alcançado os rápidos alvos de sua rebelião. A modernidade pesada mantinha capital e trabalho numa gaiola de ferro de que não podiam escapar. A modernidade leve permitiu que um dos parceiros saísse da gaiola. A modernidade "sólida" era uma era de engajamento mútuo. A modernidade "fluida" é a época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil. Na modernidade "líquida" mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível. (BAUMAN, 2001, p. 139)

Vale acrescentar que o personagem que se destaca no conto também se destaca, pelo desejo de sair da cidade e estudar em uma universidade em São Paulo, o que o coloca deslocado da massa e favorece uma visão diferente, capaz de ver as coisas sob outro ângulo. Isso fica evidente no seguinte trecho:

Não queria ficar. A Máquina me incomodava. Nada grave. Apenas uma questão de pele. Quando eu passava diante das grades e ouvia o ronco surdo, os passos dos operários, sentia meus pelos se arrepiarem. Dentro das grades havia jardins, gramados, ruas asfaltadas e os empregados circulavam em pequenos jipes azuis, em motonetas ou em uma espécie de litorina que desenvolvia grande velocidade, levando grupos de gente de um setor para outro. No entanto, eu podia passar horas olhando o prédio alto. Aquele parecido com hangar de dirigível. O que havia lá? (LOYOLA, 2010, p.125-126).

Os outros habitantes da cidade não compartilham do mesmo incômodo que esse personagem. Ao contrário, notamos um sentimento de conformidade geral. O incômodo do personagem é tão renitente, ao ponto de questionar a normatização daquele mundo e seu respectivo mecanismo provocados pela modernização. Esse raciocínio articula-se àquilo que Camus (1989) chama de *homem absurdo*, que foge aos padrões:

O que é, realmente, o homem absurdo? Aquele que, sem o negar, não faz nada para o eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas ele prefere

sua coragem e seu raciocínio. A primeira o ensina a viver sem apelação e a se bastar com o que tem, o segundo o instrui sobre seus limites. Certo de sua liberdade a prazo, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue em aventura no tempo da sua vida. Aí está seu campo e sua ação que ele subtrai a todo julgamento que não seja o seu (CAMUS, 1989, p.42).

Assim, o personagem questionador articula-se também ao princípio do *homem absurdo*, a partir de seu raciocínio crítico sobre a situação que o incomoda, o que o encoraja a buscar explicações plausíveis ao sentido que subjaz ao empreendimento realizado pela Máquina na cidade, sobretudo em torno dos mistérios que cercam a Máquina e toda a estrutura de poder que ela constrói. O personagem não sai da cidade por conta do estado de saúde do pai que acaba adquirindo uma doença decorrente do trabalho com polimento. A mãe incentiva o filho a trabalhar com a Máquina, no entanto é consciente de que a doença adquirida pelo marido o distancia da época em que a vida era moldada em um ambiente rural:

Vai, meu filho, dizia minha mãe. Vai trabalhar com a Máquina. Olha seu pai. Melhorou muito depois que largou aquela hortinha vagabunda que dava uma trabalhadeira desgraçada. A horta que acabou com as costas dele. Até a bronquite acabou, depois que não precisou mais mexer na terra úmida, nem regar os canteiros de manhã e de tarde. Seu pai se arranjou bem por lá, apesar da idade. É um polidor. (LOYOLA, 2010, p.124).

O poder que a Máquina exerce sobre a população, a torna mecânica ao ponto de não perceber os malefícios que nela provoca, qual seja o de exercer controle e de transformá-la em seres manipulados. Posteriormente, o personagem que não se enquadrava aos princípios instaurados, planeja a invasão à estrutura da Máquina, porém causa-lhe espanto descobrir que a Máquina é de domínio público e todos eram cientes disso, menos ele. Então, levanta hipóteses sobre o real sentido da Máquina enquanto instituição, assim como suspeita da sanidade mental das pessoas, imaginando que estariam vivendo uma loucura coletiva. O personagem sente estar indo na mesma direção, passando a suspeitar que também estaria enlouquecendo.

Nessa investida sobre a Máquina, o personagem é abordado pela equipe de segurança e fica recluso em uma sala, sem alimentação, sendo posteriormente liberado; também é

punido com a perda do emprego na empresa de embalagens, o que reforça o poder exercido pela Máquina. Sua situação é agravada pela meia idade, o que dificulta conseguir um novo emprego. Em vista disso, é obrigado a exercer uma função de baixa remuneração, mas que se enquadra no seu padrão de vida, já que não possui família para sustentar, nem dívidas, como aluguel. Tais punições revelam que investigar o mecanismo de poder desempenhado pela Máquina é algo perigoso, uma subversão sujeita a penalidades.

O personagem passa a trabalhar em um supermercado, cuja janela de um dos banheiros tem posição estratégica com visão para a Máquina. Percebemos com isso que, ao tempo que o personagem tem um fascínio e obsessão pela modernização, também nutre uma aversão, não pelo progresso que ela proporciona, mas sim pela escravização que dela advém.

FALHAS DA MÁQUINA E SURGIMENTO DO MEDO

Durante seu trabalho no supermercado, o personagem encontra profissionais da empresa noticiando que a Máquina estava com falhas no funcionamento, havendo um crescente número de pessoas trabalhando na área do setor de reparos e constantes relatos de que aquele setor era o que mais crescia na empresa.

Esta constante procura por mecânicos, até mesmo por mão de obra estrangeira, criou um estado de medo em torno da possibilidade de a Máquina estar com defeito e ruir, com possibilidade de a cidade entrar em declínio. Inicia-se uma tensão provocada pelo medo da perda do *status* que a cidade atingiu. Se antes o seu estado agrário não provocava incômodo, a perda do desenvolvimento gerado pela modernização provoca temor. Esse sentimento que o estado de coisa provoca associa-se à *topopatia* gerado pela influência do espaço sobre os personagens. Dessa forma, a “*topopatia* significa a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço. Esse elo assume inúmeras formas e é extremamente variável em amplitude e intensidade emocional”. (BORGES FILHO, p. 157).

Os personagens, incapazes de uma reflexão crítica sobre o poder abusivo que a Máquina exerce sobre eles, acabam direcionando suas impressões à própria cidade, cujo “sentimento de afeto” se instaura como subterfúgio que justifica o medo da perda. O medo provocado pelo espaço teria uma relação direta com outro conceito também discutido pelo mesmo pesquisador, a *topofobia*, que segundo Borges Filho é a relação de sentimentos negativos do personagem para com o espaço. No caso do conto, o medo advém do possível retrocesso pelo qual a cidade poderia passar.

A Máquina cria, então, um estado de dependência da população e provoca uma certa adoração a esse templo que se chama modernização. A sensação de incerteza e medo; de fascinação e obsessão podem se relacionar ao que defende Bauman:

A desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado grave de incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização. Mas esse mesmo brilho caleidoscópico da cena urbana, nunca desprovido de novidades e surpresas, torna difícil resistir a seu poder de sedução (BAUMAN, 2009, p. 47)

A desconfiança em torno da falha da Máquina fora despertada nas famílias em decorrência da tensão vivida pelas esposas dos trabalhadores, através de telefonemas entre si, definindo o comportamento dos maridos ao chegarem em suas casas: tristeza, acabrunhamento, melancolia. Tais sentimentos que, ao se esvaírem, sugeriram que as atividades do seus maridos haviam normalizado. Constatamos, com isso, uma inversão do sentido atribuído à por Gaston Bachelard (1978, p. 200). Segundo ele, a casa é o lugar de conforto e de segurança “pois a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela”. No entanto, a compreensão de casa, pensada na perspectiva dos tempos modernos, cujo progresso é a palavra de ordem, não seria o lar, no sentido bachelardiano, mas sim a indústria, a Máquina, lugar de alegria, realização e segurança.

A sensação de medo, associada à ameaça de declínio da cidade, tem como consequência um comportamento eufórico baseado no princípio do *carpe diem*, de diversão excessiva, consumismo, como uma forma de aproveitar os benefícios que a Máquina propicia às pessoas. Mais uma vez o poder que a Máquina exerce é evidenciado no favorecimento do conforto, estratégia para continuar a exercer domínio. O mal-estar causado pela sensação de perda é favorável à própria Máquina, que se beneficia, sobremaneira, da insegurança. Como se consciente das consequências, proporciona a realização de desejos materiais que, como uma descarga, age aliviando as tensões. Segundo Bauman (2006): “No medo, a indústria do consumo encontra a mina de ouro sem fim e auto-renovável que há muito procurava. Para a

indústria do consumo, o medo é, plena e verdadeiramente, um “recurso renovável”. O medo se tornou o moto perpétuo do mercado de consumo – e portanto da economia mundial (BAUMAN, 2006, p. 96).

Assim, o medo se mostra benéfico para manter a atmosfera de controle, pois incentiva o consumo, a partir do clima de incerteza. Podemos até inferir que a falha da Máquina pode ser apenas uma ideia divulgada pela instituição para amedrontar a população e certificar o seu domínio sobre ela.

Acerca do pêndulo entre euforia e medo percebida no conto, há uma relação provocada pelo processo de modernização urbana, um início que se mostra promissor, com melhorias na infraestrutura, prosperidade promovida pela empregabilidade, povoação da região com o fluxo migratório, mas que gera suscetibilidade. O controle e poder sobre a população cria um comportamento mecanizado e gera um elevado número de pessoas com total dependência ao modelo imposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “O homem que procurava a máquina”, de Ignácio Loyola Brandão, surge como uma crítica ao processo de modernização de espaços urbanos para abrigar complexos industriais, em detrimento da natureza e da tradição das localidades.

No conto, a Máquina que se instaura provoca euforia decorrente dos benefícios à população, porém, no decorrer do tempo, imprime um clima de incertezas, conforme constatamos. O que seria um cenário ideal de desenvolvimento e progresso, acaba despertando o questionamento de um personagem que se mostra incomodado com o modelo, o que o motiva a investigar, porém sem sucesso. O personagem lança um olhar crítico sobre a presença da Máquina (que pode ser sinônimo de instituição) na pequena cidade, comportamento que se contrapõe ao da população que endeusa o progresso representado pela Máquina, gerando uma espécie de robotização.

O progresso promovido pela Máquina (instituição) cria um estado de dependência que, ao menor sinal de instabilidade, gera pânico na população, que chega a desprezar o seu passado, anterior à prosperidade atingida pelo poder imposto pelo templo da modernização. Dessa forma, a Máquina é considerada uma metáfora de uma liderança imponente, com relações definidas de poder e controle exercido pelo progresso. Assim, a população mostra-

se totalmente vulnerável e alienada à uma liderança que define hierarquias, levando à punição àqueles que se colocam avessos a seus interesses.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **Europa – Uma aventura inacabada**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar, São Paulo, 2001.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço & literatura. Introdução à toponálise**. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Cadeiras proibidas**. São Paulo, Global, 2010.

CAMUS, Albert. **Mito de Sísifo: Ensaio sobre o Absurdo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CANDIDO, Antonio. **“Dialética da malandragem”**. In: Revista do instituto de estudos brasileiros, nº. 8. São Paulo: USP, 1970.

GOMES, Renato Cordeiro. **A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema**. Ipotesi -Revista de Estudos Literários. Juiz de Fora, v.3 -n.2, p.17-30, jul./dez. 1999.

Recebido 20/04/2021

Aprovado 15/05/2021

